



Salvaterra

EDITORIAL OS TEMPOS QUE CORREM

É tempo de recomeçar, anciosos que estamos de retomar a "normalidade" das nossas vidas, após a vivência de um tempo de pandemia, que tarda em "deixar-nos".

Estes últimos dois anos foram deveras difíceis e trouxeram muitas dificuldades às Instituições, como a Associação Salvaterra, e puseram à prova a nossa capacidade de resiliência para nos adequarmos às necessidades de reorganização interna, para fazer face à quebra de produtividade e rendimento e pelo aumento dos custos de exploração.

Situação que se agravou desde 24 de fevereiro de 2022, com a Guerra na Ucrânia, que levou a um aumento significativo dos preços das matérias-primas e bens de consumo, situação que nos preocupa, pois se assim continuar terá necessariamente de haver uma revisão dos acordos de cooperação a fim de haver sustentabilidade financeira das instituições.

Tem sido, pois, um período de readaptação das dinâmicas e capacidade de resposta com o que é possível disponibilizar, para ajudar um número crescente de pedidos de apoio da população mais fragilizada socialmente.

Para o efeito, temos contado com um excelente apoio da população que, sensíveis à realidade social da nossa ilha, mostra-se sempre disposta a colaborar, na cedência de móveis, eletrodomésticos, roupa, calçado, bens para primeira infância, o que nos permite a distribuição gratuita destes bens pela população carenciada. A interação social que, deste modo, é promovida leva a um menor esforço das entidades oficiais na resolução destes problemas e à poupança de recursos.

A gestão dos dois contentores para recolha de roupa, calçado, têxteis lar e brinquedos, levou a que fossem recolhidos em 2020 cerca de 9 toneladas destes artigos, fazendo com que Santa Maria fosse a 2ª Ilha (entre as 7 que dispõem deste equipamento) com maior registo de entregas o que nos apraz registar, não só pela possibilidade de ajudar a população, como também da sustentabilidade ambiental.

As Instituições particulares de solidariedade social, dependentes maioritariamente do financiamento público para a persecução das suas atividades, esperam que haja um entendimento da sua importância e valorização, como elementos fundamentais para a manutenção de políticas de solidariedade social, junto das populações onde se encontram inseridas.

Dulce Resendes, Presidente da Direção.

SUPLEMENTO DA SALVATERRA

"A minha mãe foi sempre uma guerreira"

Em Maio comemora-se o Dia da Mãe. O centro de convívio da Salvaterra assinalou esta data com mais uma sessão em que se recordou as vivências de outros tempos.

As nossas idosas homenagearam as suas mães com testemunhos que nos fazem recuar ao passado, trazendo para o presente a memória e identidade



Maria Braga, de 75 anos, e Isaltina Braga, 69 anos

A nossa mãe trabalhava na lã e no linho. Se meava, apanhava e fazia os trabalhos todos do linho. Aquilo era muito difícil! Ela trabalhou a lã até aos 90 anos e, por isso, deixou peças feitas aos filhos e netos.

Na freguesia, no lugar onde agente se criou, havia outras pessoas que também trabalhavam na lã e no linho com a minha mãe. Elas faziam serões nas casas umas das outras.

Para além disso, ainda tinha as lides da casa, buscava a lenha ao mato e lavar a roupa era longe. Ela mal se levantava começava logo a trabalhar.

Também, quando era o tempo de apanhar o milho, ela ia ajudar a desfiar. A nossa mãe criou 6 filhos, mas teve 8. Ficou viúva aos 63 anos e viveu até aos 91.

Lembramos que a nossa mãe gostava muito de festas e de reunir a família.

Mas na sua vida, passou muitas dificuldades. Contava que quando era criança, muita vez, pediam um bocadinho de pão e não havia. Agente passou, mas não foi de pão!

Também contava que a minha avó, muita vez, ficava fazendo uma sopa com couves e ela dizia aos filhos: vamos lá dormir, que quando acordarem a comida tá feita! Era para ver se adormeciam porque naquele dia não havia mais comida!



Maria Fernandes, de 85 anos

A minha mãe morreu há 40 anos. Tive sempre com ela. Eu fui filha única e tive de ficar com ela.

Ela educou-me muito bem. Era mais velha que o meu pai 12 anos, com ela tive uma educação de gente mais velha. Foi uma educação mais rígida.

Eu ia para a escola com uma hora de viagem a pé. Eu morava no forno e tinha muita gente da minha idade que também ia para a escola. Mas, eu fugia para ir ter com as minhas amigas, minha mãe não gostava muito. Eu lá ia fugida e se calhava ela só dizia: Maria para casa! Outras vezes, era um enxota moscas!

Aos 9 anos, fui viver com uma madrinha. Esta era muito boa para mim, foi a minha alegria.

Com a minha mãe era diferente, ela não gostava que eu andasse por aí, mas já se sabe que eu era amiga de fugir. Agora, em casa da minha madrinha era diferente, cheguei a botar água fora para ir à fonte mais as vizinhas.

Vivi mais tempo com a minha madrinha. Não gostava menos dela do que da minha mãe. Posso dizer que tive duas mães.

Lembro-me que o dia a dia delas era cozer pão, ir à ribeira, ir à fonte, buscar lenha e era as lides da casa, também se remendava roupa.



Maria Melo, 79 anos, e Lucinda Coelho, de 69 anos

A nossa mãe teve 13 filhos e criou 11. Eram muitos filhos e por isso sempre teve ajuda de uma tia que viveu com agente.

O dia a dia da nossa mãe era cuidar da casa, era tratar das roupas, lavá-las em ribeiras longes e ela ainda ia para as terras.

Lembra-nos que quando fazíamos os nossos anos, ela fazia-nos um ovinho cozido que se chamava o ovo da chaleira e ainda aquele ovo era dividido pelos mais novinhos.

Depois da escola, os maiores iam à ribeira com ela, eram 3 ou 4 mulheres a ir porque éramos tanta gente em casa.

A tia que viveu com agente é que ia à Vila buscar Rolão de milho. Um dia chegou lá, a fila era muito grande e quando chegou a vez dela já não

das nossas gentes.

Homenageámos a Mãe de outros tempos. Aquela que criou tantos filhos e enterrou outros que não resistiram; a que percorreu quilómetros para chegar à água que dava de beber e com a qual lavava a roupa; aquela que "ia à lenha" para aquecer o forno; a Mãe que muitas vezes não conseguiu pôr o pão na mesa, mas que nunca faltou com carinho aos seus filhos.

havia. Velo para trás triste sem nada para levar para a minha mãe dar que comer às crianças. Lá uma vizinha encontrou-a já de noite, ela vinha chorando, e perguntou o que se passava. Então esta vizinha levou-a para o seu palheiro e ela moeu milho para a minha tia levar para casa.

Os filhos mais velhos da nossa mãe passaram muito. Com os mais novos, não havia muito que dar, mas o pão nunca faltou.

A minha mãe não gostava que se brincasse muito na rua porque molhavam a roupa e depois no inverno, sem sol, ela secava a roupa era na chaminé. Mas, quando ela não tinha muito que dar de comer, mandava-nos brincar na rua, para ver se esqueciam da fome.

Ela trabalhava muito, cozia dia sim, dia não, 2 alqueires de milho.

A imagem que temos dela é que foi sempre uma mulher muito boa e, apesar das dificuldades, ela era alegre. Nos serões que fazíamos, com as camisolas e retalhos, não tínhamos acordeão ou violas, mas cantávamos ao desafio naqueles serões.

Viveu-se e éramos muito felizes.



Ludovina Chaves, 67 anos

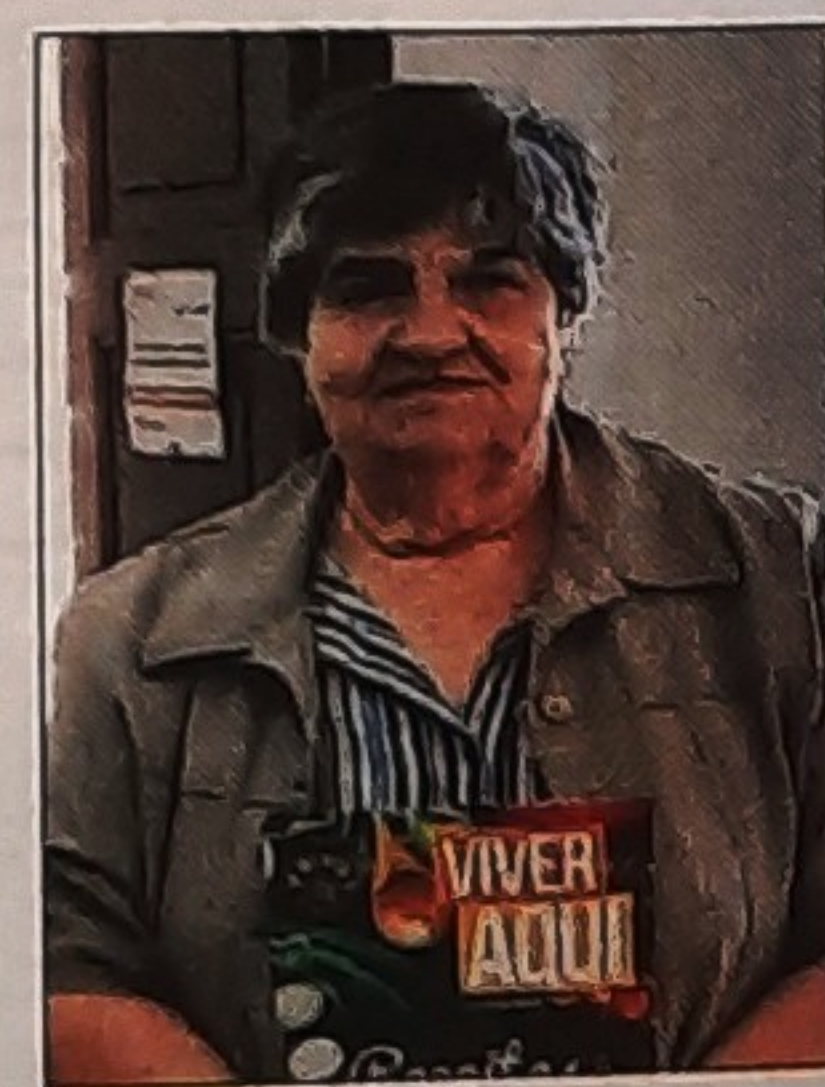
Ainda me lembro muito bem da minha mãe e de agente ser pequeninos, éramos 7 irmãos.

Ela cozia o pão, ia à lenha, ordenhava as vacas e o meu pai ia trabalhar, para ganhar o jornal como se dizia naquele tempo.

Criou-nos, assim, com muitas faltinhas. Roupa só havia, quando alguma vez vinha uma saquinha de roupas da América.

Mas, pão não faltava. Tínhamos sempre o pão de milho, o pão de trigo é que não era muito. Aos 50 e tal anos, a minha mãe adoeceu, teve um tumor. Mas, graças a Deus, ainda teve cura. Acabou por morrer de outro cancro, aos 70.

Foi uma vida de muito trabalho, não teve vida fácil.



Maria da Glória Chaves, de 80 anos

Ainda me lembro de muita coisa da minha mãe. Era uma mulher trabalhadora, teve 14 filhos, mas criou 9 e para criar os 9 filhos ainda foi difícil.

Ela não teve vida fácil, era uma vida pobre, de muito trabalho: ir à lenha, à ribeira lavar a roupa. Muita vez, era ela que ia à Vila comprar o milho, vinha pela praia, para moer o milho nuns moinhos de água que tinha para ali, e vinha para casa cozer pão. O milho ia se buscar com umas senhas que

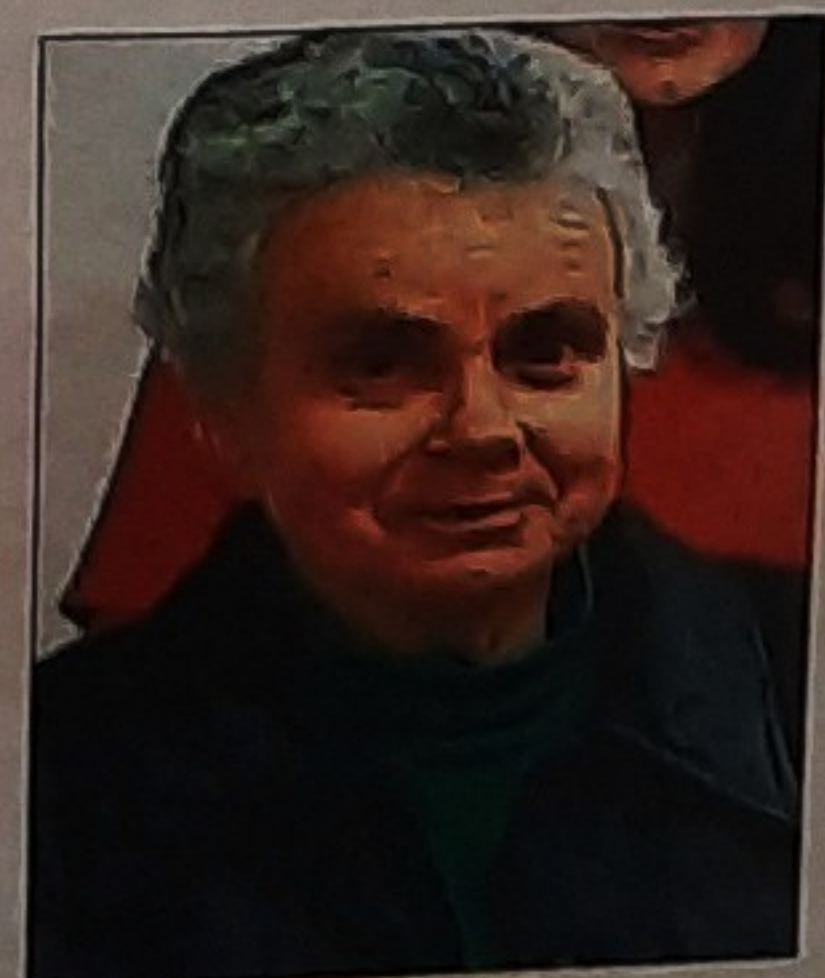
davam para quem não tinha terras.

A minha mãe era uma pessoa muito boa. Educava-nos conforme aquela época, mas não era rígida, nem de bater nos filhos.

Mandava-nos para a escola conforme podia e as roupas que usávamos era que uns tios mandavam da América.

Algumas vezes, agente vinha da escola, chegava a casa e não tinha para se comer.

Ela e o meu pai ainda foram viver para o Canadá e levaram 4 filhos, os mais novos. Aí, as coisas melhoraram. Depois de emigrar nunca mais quis voltar. No Canadá, depois dos filhos cuidou dos netos, adoeceu mais tarde e acabou por morrer com 89 anos.



Maria da Glória Monteiro, de 67 anos

A minha mãe criou 5 filhos, mas teve 6. Tratava da casa e da lenha para cozer.

Era uma boa pessoa, não era muito rígida com agente e deu-nos uma boa infância, também nunca tivemos faltas. Naquele tempo, quem tinha as terras não passava faltas.

A minha mãe é que lavava a roupa e às vezes ajudava nas tarefas das terras, para apanhar ou para ir à vindima.

Éramos uma casa de gente por isso o trabalho dela foi mais em casa, era preciso cozer o pão e era tudo feito na lenha, pão e comida. Quando me criei não havia fogão. Era tudo no lume e era onde ela passava mais tempo. Aprendi muito com ela na cozinha.